

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 128	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	9950	\$120	11 DE JULHO 1882	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possesões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-6-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-6-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-6-	-6-		

## SUMMARIO

**TEXTO** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Exposição Retrospectiva de arte ornamental, em Lisboa, R. — Estabelecimentos Scientificos de Portugal, O Instituto Geral de Agricultura, ... — O visconde de Algés, GRAÇA BARRETO. — O Abandono, MONTEIRO RAMALHO — Publicações.

**GRAVURAS**. — Estabelecimentos Scientificos de Portugal, Instituto Geral de Agricultura, Fachada principal do edificio, Sala do Conselho escolar, Pavilhão de experiencias sobre vegetação. — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, A Comissão executiva, Conde de Almedina, Dr. Augusto Filipe Simões, Francisco Marques de Souza Viterbo, Antonio Thomas da Fonseca, Augusto Carlos Teixeira de Aragão, José Luiz Monteiro, Ignacio de Vilhena Barboza. — Visconde de Algés. — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Tenho as minhas desconfianças de que é ao sr. José Joaquim Pinto que se deve a chuva que n'estes dias tem enlameado Lisboa.

O sr. José Joaquim Pinto é o intelligente e activissimo empresario do theatro do Gymnasio, aquelle, que teve a boa e corajosa idéa de trazer a Portugal a celebre Sarah Bernhardt.

Entrado assim com o pé direito no caminho das empresas arriscadas, o sr. Pinto lembrou-se agora de dar á capital a visão do inverno, de lhe apresentar uma companhia italiana.

E o inverno deixou-se cair no logro, como velho demente que já é.

Viu nas esquinas da baixa cartazes tendo em grandes letras:

FAVORITA  
OPERA EM 4 ACTOS  
DE DONIZETTI

E esse cartaz assustou-o.

— Ó com o demonio, disse elle lá com os seus botões. Então não querem vêr! Estamos já em

outubro, e eu aqui muito bem descansado, deixando o verão a fazer suar Lisboa.

E metteu pernas a caminho, e com tão boa vontade, que chegou cá exactamente no momento em que no palco do Gymnasio os monges de Sam não sei que, entoavam a sua preghiera.

Bell'alba foriera  
D'un suole nouvello: —

Lisboa ficou aturdida; aquella musica e aquella chuva em pleno julho não era para menos!

Estaria sonhando? Ter-se-ia já acabado o verão?

Momentos depois o calor que havia na sala do Gymnasio demonstrou-lhe abafadamente que o verão não acabara ainda, e a sr. Escalante e o sr. Franchini provaram-lhe que ainda não começara o inverno!

Decididamente aquillo não era S. Carlos, o que não admira nada porque não podia sel-o.

O publico comprehendeu-o e achando-se em frente d'uma companhia lyrica de provincia, não teve as exigencias que tem para com a companhia do primeiro theatro lyrico do paiz, o theatro subsidiado pelo estado.

## ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL



INSTITUTO GERAL DE AGRICULTURA — FACHADA PRINCIPAL DO EDIFICIO (Segundo uma photographia de Rocchini)



E diga-se em boa verdade, que para uma companhia de ordem inferior, a que está funcionando agora no Gymnasio, e que agradou muito no Porto, é uma companhia razoavel.

Na primeira noite cantou-se a *Favorita*, e na opera de Donisetti fizemos conhecimento com a sr.<sup>a</sup> Escalante, os srs. Franchini, Farvaro e Ulloa. Esperar que esta companhia ambulante nos desse Borghi-Mamos, Donadios, Tamagnos, Aldighieris, e Uletams, seria perfeitamente imbecil.

Estar a applicar aos artistas da companhia do Gymnasio, a critica minuciosa e severa que se applica aos artistas de primeira ordem da companhia lyrica de S. Carlos, que tem obrigação de nos apresentar grandes artistas, seria d'um disparate inaudito.

O elogio da companhia do Gymnasio é ter cantado a *Favorita* sem transformar a opera de Donisetti n'uma opera burlesca, coisa que algumas vezes se tem já feito em S. Carlos, com muitas operas.

Na *Favorita* mesmo houve um artista que se distinguiu de certo modo, e que revelou merecimento superior ao que se podia esperar e exigir d'uma troupe de provincia, o sr. Farvaro, no papel de D. Affonso.

O sr. Farvaro é um artista que em tempo foi muito considerado na Italia, e ouvindo-o hoje n'uma companhia secundaria, comprehende-se isso, porque ainda, apesar de cansado é um artista apreciavel.

Na primeira noite a concorrência no Gymnasio era grande, e o publico composto quasi exclusivamente dos *dilletantis* de S. Carlos; applaudiu por vezes e com justiça o sr. Farvaro.

Já que principiámos pelos theatros e para não voltarmos mais a elles na nossa chronica d'hoje, registemos aqui o successo alcançado pela companhia d'opera comica do Coliseu, com o *Petit-Duc*, e os *Sinos de Corneville*, e o fiasco enorme da *Bella Helena*.

A companhia decididamente faz carreira em Lisboa e tem tido todas as noites concorrência.

A pequena troupe de café, concerto que se estreou com geral desagrado no Gymnasio, passou para a esplanada dos Recreios e ali tem agradado muito. O desagrado d'hontem e o agrado d'hoje explica-se perfeitamente pela sabedoria das nações: — *cada um no seu lugar*.

As festas do Porto, que se annunciaram tão pomposas, e de que demos larga noticia, estiveram por um triz a não ser coisa alguma.

Esse *triz* tem muita graça.

As festas do Porto eram para solemnizar o quinquagenario do glorioso dia 9 de julho; parece que haveria só um motivo para que ellas se não fizessem, a não comparencia d'esse tal dia 9.

Pois não senhor, o dia 9 não faltou, mas quem não compareceu foi sua magestade, e a commissão executiva dos festejos, como elles eram dedicados ao dia 9 de julho, entendeu que os devia addiar para quando SS. MM. ali fossem.

Este addiamento originou vehementes protestos, agitada discussão, e por fim as festas fizeram-se.

Diz-se que esse addiamento era politico: se o era ou não, ignoramos, o que sabemos é que era com certeza muito comico.

Ha dias Lisboa foi surpreendida por um grande estrondo, que semelhava a detonação d'uma grande peça d'artilheria. D'ali a momentos sabia-se o que era aquelle estampido — era a explosão da fabrica de dynamite na Trafaria.

Essa explosão que matando um homem e ferindo 18 causou profunda impressão na capital, atterro como era natural a pobre população da Trafaria, aquella população miseravel, excêntrica, pittoresca, que vive apertada entre duas fabricas, qual d'ellas peor, fechada ao sul por um cemiterio, e tendo por visinho proximo o Lazareto.

O illustre ministro do Reino, o sr. Thomaz Ribeiro, foi visitar aquella pobre gente, que se agarrou a elle pedindo-lhe que a salvasse.

O sr. ministro prometeu tomar todas as providencias para garantir a segurança dos habitantes da Trafaria.

Segundo as opiniões dos peritos, os depositos subterraneos de dynamite não offerecem perigo algum de explosão, e no dessastre d'outro dia, effectivamente nada soffreram felizmente, porque de contrario toda a Trafaria teria ido pelos ares.

Quando se deu a catastrophe accudiram logo a ella a officialidade e a tripulação da corveta Estephania e com um valor e coragem taes que deixaram estupefactos os francezes empregados na fabrica. Pouco depois da primeira explosão, houve uma segunda, e nada garantia que não houvesse outras.

Pois os officiaes e marinheiros da *Estephania*,

sem se importarem com isso, sem fazerem caso algum do perigo enorme que d'um momento para o outro lhes podia dar a morte, trabalharam com um desprendimento de vida tal, na phrase dos francezes admirados, com uma bravura *hors-ligne*, prestando serviços enormes á fabrica e á povoação ameaçadas.

O governo louvou officialmente esses bravos, e os representantes dos proprietarios da fabrica de dynamite gratificaram os audazes marinheiros que assim expozeram heroicamente a sua vida, para evitar maiores desgraças.

— Esteve no dia 8 em Lisboa de passagem para o Rio de Janeiro, a bordo do paquete o *Equador*, o sr. Sant'Anna Nery, correspondente em Paris do *Jornal do Commercio* do Rio.

Ha vinte annos que o sr. Nery não vae á sua terra, e tem permanecido sempre em Paris.

Conhecemol-o na noite de 8 no theatro do Gymnasio, por intermedio de Raphael Bordallo.

O sr. Sant'Anna Nery é um homem alto, gordo, trigueiro, de bigode preto, sympathico e bom conversador.

Estava pesaroso de apenas se poder demorar horas em Lisboa: mas volta aqui em principios de setembro de regresso do Rio de Janeiro, e então tenciona demorar-se alguns dias entre nós.

A esposa do sr. Nery, uma senhora ingleza, vem passar a Lisboa o proximo inverno para, aprender a lingua portugueza.

O sr. Sant'Anna Nery é um dos membros mais considerados da *Associação Litteraria Internacional*, que tem a sua sede em Paris.

— Lembram-se d'uma celebridade de circo que esteve ha annos no theatro dos Recreios, Miss Lurline, a mulher-peixe, que trabalhava dentro d'um aquario?

Pois essa Miss Lurline acaba agora de impingir á imprensa franceza um dos mais funambullescicos *canardes* a respeito da sua estada em Portugal.

Miss Lurline trabalha actualmente em Paris, e sendo ha dias visitada por um redactor do *Voltaire*, contou-lhe a sua vida gloriosa e aventureira, a sua viagem em aquario atravez de todas as côrtes da Europa, uma viagem que a julgar pela phantasia imaginosa da parte que diz respeito a Portugal, excede muito as celebres viagens maravilhosas de Julio Verne.

Miss Lurline depois de contar ao redactor do *Voltaire* a sua estada em Hespanha onde o entusiasmo hespanhol a deteve treze mezes creio eu, diz o seguinte:

«Chegada a Portugal, o rei quiz conhecer-me. Mandou-me chamar ao paço. Fui sósinha. Entreguei a um porteiro o meu bilhete de visita, e elle introduziu-me n'uma grande sala vermelha. Nessa sala, estava um homemsinho louro a escrever n'uma meza.

Ao vêr-me levantou-se e perguntou-me no que me podia ser agradavel.

— Em me mostrar o rei.

— Mas o rei sou eu? respondeu-me o homemsinho louro. Era o rei. Estive conversando com elle mais d'uma hora. O rei falla excellentemente o inglez. Quando me despedi, elle não me deixou sair e quiz por força que eu ficasse para almoçar com elle.

Almoçamos, e como muitos membros da familia real não me tinham ainda visto trabalhar, eu mandei buscar o meu aquario e foi dentro d'elle que comi a sobremeza.

Estavam todos maravilhados com os meus trabalhos, e quando eu sahi de debaixo d'agua no fim de tres minutos e meio, o rei abraçou-me toda enxarcada, e tirando da sua mão um anel de brilhantes metteu-m'o no dedo.»

A narrativa de miss Lurline é esta, salvo qualquer alteração de fórma, porque citamos de memoria mas digam-nos se não é realmente assombrosa, e se não causa certa estranheza vêr como n'um cerebro que passa a vida dentro d'agua, pôde caber uma imaginação tão ardente!

— Chegou de Bordeus e foi hontem sepultado no cemiterio Occidental, depois dos officios religiosos na igreja de Santo Antonio da Sé, o cadaver do sr. barão de Mendonça, antigo consul de Portugal n'aquella cidade, e ha pouco fallecido.

O sr. barão de Mendonça era um homem de superior intelligencia e de cuidada illustração.

Foi durante muitos annos vereador e presidente da camara municipal de Lisboa, prestando sempre excellentes serviços ao municipio e representando-o com muita dignidade no banquete das camaras municipaes em Londres.

Como consul em Bordeus o sr. barão de Mendonça fez relevantes serviços á vinicultura portugueza, alargando extraordinariamente o commercio dos vinhos portuguezes em França.

As exequias do sr. barão de Mendonça, foram

muito concorridas e Lisboa provou assim que ainda não se esquecera dos seus serviços.

— No mesmo dia que em Santo Antonio da Sé se realisavam as exequias do sr. barão de Mendonça, fizeram-se na igreja do Loreto exequias solemnes em homenagem á memoria do sr. Giorgi Pacini, fallecido no dia 10 de maio.

Toda a gente em Lisboa conhecia o sr. Pacini, que depois de cantar muitos annos como barytono no theatro de S. Carlos, distinguindo-se em muitos papeis, sobre tudo nos papeis buffes, como por exemplo no poeta da *Mathilde de Schabran*, no frade da *Força do Destino*, no sapateiro do *Chrispim* e a *comadre* ficára no nosso primeiro theatro lyrico como director tecnico.

A rara aptidão do sr. Pacini, o seu zelo no trabalho, a sua boa vontade, e os seus profundos conhecimentos na direcção complicada d'um theatro como S. Carlos são hoje mais apreciados do que nunca, pela difficuldade enorme da substituição.

Como artista e como homem estimámos sempre muito Pacini, sentimos profundamente a sua morte, e associamo-nos completamente do coração á homenagem prestada á sua querida memoria.

Gervasio Lobato.

## EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

## ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

XXVI

A COMISSÃO EXECUTIVA

Da grande commissão da exposição de arte ornamental foi nomeada uma commissão executiva, como já dissemos, composta dos srs. Conde d'Almedina, presidente Dr. Simões, secretario Vilhena Barbosa, Teixeira d'Aragão, Fonseca, Monteiro e Sousa Viterbo, vice-secretario cujos retratos, como de justiça, a nossa folha hoje apresenta, e de quem daremos noticia em breves palavras.

DELPHIM DEODATO GUEDES, creado conde de Almedina por decreto de 30 de março e carta regia de 13 de abril do corrente anno nasceu em Santo Thyrso pelos annos de 1845, e é sobrinho do 1.<sup>o</sup> visconde de Valmor José Isidoro Guedes, capitalista riquissimo. Feitos os primeiros estudos, e depois de completa a sua instrução secundaria, cursou a faculdade de direito na Universidade de Coimbra, concluindo a sua formatura em 1868. Creado no seio da opulencia o conde d'Almedina dedicou-se sempre ás artes do desenho e pintura que cultivou na sua primeira mocidade sob a direcção do fallecido pintor Thomaz da Annuniação, e a que conserva bastante affeição. Por fallecimento do Marquez de Sousa Holstein, foi nomeado vice-inspector da Academia de Bellas-Artes, (vej. OCCIDENTE n.<sup>o</sup> 23—1.<sup>o</sup> volume) cargo a que tem dedicado as suas atenções, embora tenha commettido erros, como homem que é, e não infallivel como o papa. Um dos seus afans foi procurar organizar o nosso *Museu Nacional de Bellas-Artes*, para o que conseguiu que se alugasse um edificio, ainda que não muito conveniente segundo o nosso modo de vêr, e foi o principal propugnador da idéa de uma exposição de arte ornamental, achando no governo todo o favor para esse effeito. O modo como foi organizada e levada a cabo, o bom e o mau d'ella já dissemos e diremos em artigo que ainda temos que terminar, e de que este § é uma parte intercalar.

DR. AUGUSTO FILIPPE SIMÕES. — É natural de Coimbra onde nasceu a 18 de junho de 1835. Na Universidade d'essa cidade se formou na faculdade de philosophia em 1855 e na de medicina em 1860. Tendo sido medico do partido da camara municipal de Goes de outubro de 1860 a junho de 1862, foi n'este ultimo anno despachado professor da cadeira de introdução á historia natural do Lyceu d'Evora e no anno seguinte nomeado bibliothecario da bibliotheca publica da mesma cidade. Em 1872 tomou o grau de doutor na faculdade de medicina e logo em 1873 foi nomeado lente substituto da mesma. Coube-lhe a honra de representar aquelle importante estabelecimento scientifico na Universidade de Leyde na Hollanda, quando em 1875 esta celebrou o terceiro centenario da sua fundação. Pouco depois fez parte da commissão encarregada de apresentar o projecto de reforma das Bellas-Artes, fundação do museu referido e con-



servação de monumentos. Serviu de 1879 a 1880 de bibliothecario da Universidade, e em 1881 foi eleito deputado ás cortes pelo circulo da sua naturalidade.

Tem publicado obras interessantes e importantes taes como *Cartas da beira-mar*, Coimbra na Imprensa da Universidade 1867. — *Relatorio acerca da Bibliotheca Publica d'Evora na Folha do Sul*, periodico de que foi redactor; *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra*, Lisboa 1870. — *Introdução á archeologia da peninsula iberica. Parte primeira: antiguidades prehistoricas*, Lisboa 1878. — *Educação physica*, que saiu já em terceira edição Coimbra 1879. — e no mesmo anno e na mesma cidade. *A civilização, a educação e a physica*; e ultimamente reuniu em volume as cartas sobre a exposição, de que damos conta na secção das publicações. Foi um dos membros mais trabalhadores da exposição, devendo-se-lhe quasi toda a catalogação, e que procurou introduzir alguma ordem na disposição dos objectos expostos.

IGNACIO DE VILHENA BARBOSA. — Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa desde 1875, da qual já era correspondente desde 1862. Pelo seu amor á archeologia e historia e pelos seus trabalhos n'esses ramos tem merecido igual distincção de grande numero de corporações scientificas e litterarias do paiz e do estrangeiro. Destinado em novo para a vida ecclesiastica, estudou o latim e mais disciplinas nas reaes escolas de S. Vicente de Fóra. Entrando em maio de 1828 para a congregação dos conegos de S. João Evangelista, no convento do Beato Antonio, ahi completou a sua educação litteraria, não chegando a tomar ordens sacras, e donde saiu em 1834, pela extincção das ordens religiosas.

Infatigavel no estudo, dotado de uma memoria vastissima, repleto de conhecimentos, começou logo em 1839 a publicar um periodico litterario e illustrado — *o Universo pittoresco* — de que foi redactor, director e editor, interessante repertorio de que se publicaram tres volumes e que ficou suspenso em 1844. Em 1848, juntamente com D. José de Lacerda, foi redactor do periodico politico *a União*, sendo-lhe encarregada desde o meado desse anno até 1850, a redacção do *Diario do Governo*. Tem collaborado em diversas publicações periodicas taes como: *Revista Universal lisbonense*, *Mosaico*, *Illustração Luso Brasileira*, *Portugal pittoresco*, *Artes e Lettras*, *Jornal da Real Associação dos Architectos civis e dos archeologos portuguezes*, *Panorama e Archivo pittoresco*, sendo por alguns annos redactor e director dos dois ultimos, e é collaborador litterario do *Commercio do Porto*.

Tem publicado, alem de grande numero de artigos historicos e archeologicos n'aquelles periodicos, — *As cidades e villas da monarchia portugueza que tem brazão d'armas*, Lisboa 1860, 3 volumes; *Exemplos de virtudes civicas e domesticas colhidas na Historia de Portugal* — para uso das escolas, em 1872, que já teve seis edições, a ultima das quaes no corrente anno; *Estudos historicos e archeologicos*, de que sahiram dois volumes em 1874 — 75.

O sr. Vilhena Barbosa é natural de Lisboa, onde nasceu a 31 de julho de 1811, de uma familia distincta.

ANTONIO THOMAZ DA FONSECA, pintor, é o ultimo representante de uma familia de artistas. É filho do pintor o sr. Antonio Manoel da Fonseca, que na avançada idade de 86 annos ainda não larga os pinceis, e neto de João Thomaz da Fonseca, tambem pintor de historia. Educado por tal pae, muito cedo começou a familiarisar-se com a arte, até que depois de devidamente instruido, partiu para o estrangeiro, onde foi completar a sua educação artistica. Largos annos viajou pela Europa, vendo tudo o que ha de mais interessante na Italia, Alemanha, França, Inglaterra, etc. Regressado á patria, foi provido na cadeira de pintura historica na nossa Academia das Bellas Artes de Lisboa. Por morte de Joaquim Pedro de Sousa, succedida a 2 de agosto de 1878, (veja-se o n.º 17 do nosso 1.º volume) foi nomeado director da referida Academia, cargo que exercia aquelle professor. Estimavel pelas suas qualidades, talento e instrucção, não lhe falta a precisa competencia em assumptos de arte. É natural de Lisboa, e nasceu no periodo mais agitado das nossas luctas civis.

JOSÉ LUIZ MONTEIRO é tambem natural de Lisboa, e aqui nasceu por 1846. Foi alumno da Academia das Bellas Artes, onde fez um curso distincto. Entrando no concurso para ir estudar ao estrangeiro, obteve a melhor classificação, indo completar a sua educação em Paris, onde fez um tirocinio brilhante. Regressado á patria em 1880, teve logo occasião de dar provas do seu

talento, delineando o pavilhão que a camara municipal fez erguer na Praça do Commercio por occasião dos festejos do terceiro centenario de Camões, assim como delineou o carro da Imprensa, que ainda este anno figurou no cortejo civico do centenario do Marquez de Pombal. (Veja-se o n.º 63 do nosso 3.º volume e o n.º 126 do corrente). É architecto da camara municipal de Lisboa e artista de muita competencia e merecimento.

AUGUSTO CARLOS TEIXEIRA D'ARAGÃO, cirurgião mór do exercito — no qual se alistou em 1849, depois de ter concluido o respectivo curso na Eschola medico-cirurgica de Lisboa, donde é natural e onde nasceu a 15 de junho de 1823. É socio effectivo da Academia real das sciencias de Lisboa e correspondente de outras sociedades portuguezas e estrangeiras e professor da cadeira de hygiene militar na Eschola do exercito. Tem publicado varios trabalhos importantes, avultando entre elles a *Descrição geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal* de que estão publicados tres grossos volumes de formato grande ou folio pequeno. Não diremos mais a seu respeito, enviando os nossos leitores para o *Diccionario Universal portuguez*, de Francisco de Almeida, pag. 1017 e *Diccionario Bibliographico portuguez*, 1.º vol. pag. 310 e 8.º pag. 333.

FRANCISCO MARQUES DE SOUSA VITERBO, cirurgião pela escola medico-cirurgica do Porto — onde nasceu a 28 de setembro de 1845. De muito novo encetou a vida litteraria publicando varias poesias em diversas folhas periodicas, e passando a redigir uma, intitulada *A Mocidade*. Publicou depois alguns volumes de poesias *Rosas e nuvens*, *Anjo do pudor* etc. (vej. dicc. Bibliog. 8.º vol. pag. 341). Pela ultima reforma da Academia das Bellas Artes foi nomeado professor da terceira cadeira auxiliar novamente creada. Era vice-secretario da commissão e foi um dos encarregados dos objectos portuguezes junto á exposição do South-Kensington-Museum no anno de 1881.

(Continua)

R.

## ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

## O INSTITUTO GERAL DE AGRICULTURA

Decorridos mais alguns mezes, completará o seu trigésimo anno de existencia uma das nossas escolas que pelo seu ensino extensivo á maior e mais importante classe do paiz, e pela sua utilidade a todos mais ou menos proveitosa, se impõe á consideração publica pelos titulos mais fundados e valiosos. É esta escola, o Instituto Geral de Agricultura, escola especial do lavrador, que tem por fim ensinar-lhe como se arrancam da terra as subsistencias e as materias primarias das industrias com a melhor perfeição de engenho e arte, e pelo menor custo de despeza e de fadiga; escola que o lavrador deve cultivar, amar e defender, como a egreja que é do culto da sua profissão, monumento e glorificação intellectual de seus rudes trabalhos; escola que todos os governos deviam aperfeiçoar e animar, porque ella é o centro, a origem, o laboratorio de uma grande parte da instrucção rural, instrucção da qual e só da qual poderão nascer as grandes ideias de melhoramentos agricolas, que depois se traduzem em augmento da riqueza publica e particular; escola enfim que a nação inteira deveria tomar sob a sua desvellada protecção, porque sendo a agricultura, manancial em que todos colhem a sua parte de beneficios, é tambem profissão que a todos póde pertencer em diversas circumstancias da vida. As escolas agricolas são de facto escolas para todos os cidadãos, porque não ha um só que não seja, ou que não possa vir a ser, ou pelo emprego de seus capitacs, ou pelo uso de seu patrimonio, ou pelo genero de seu trabalho, ou pela suas funções publicas, elemento mais ou menos directo da formação da riqueza rural, que sem encarecimento se póde dizer que é o fator principal de todas as demais riquezas de uma nação.

Foi o instituto de Agricultura, fundado em 1852 sob a direcção do dr. José Maria Grande, lente de Botanica na Escola Polytechnica, sendo os seus primeiros professores os drs. Beirão, — Oliveira, — Figueiredo — Lucas de Sá, — Emilio Baptista, — Thomaz de Carvalho, — Bocage e Andrade Corvo, todos já fallecidos á excepção dos tres ultimos, dos quaes sómente hoje o sr. Andrade Corvo pertence ainda ao Instituto.

Em 1855 foi-lhe incorporada a escola veterinaria militar; e em 1864 teve uma larga reforma devida ao illustrado ministro o sr. Abreu e Sousa, que ampliou notavelmente os seus recursos e ele-

mentos de ensino. Seguiram-se a esta reforma mais duas em 1869 que, inspiradas pela necessidade de urgentes economias, annullaram em parte o desinvolvimento que a reforma antecedente havia preparado.

Hoje, com a recente criação de tres novas cadeiras, compensação das que se lhe haviam supprimido, o Instituto comprehende para a exposição dos seus tres cursos de agronomo, de sylvicultor e de medico-veterinario 13 cadeiras de sciencias technicas, além de cinco cursos auxiliares.

Eis aqui o seu quadro disciplinar actual.

## DISCIPLINAS AUXILIARES COMMUNS A TODOS OS CURSOS

Physica e meteorologia agricola.  
Zoologia.  
Chimica geral e mineralogia.  
Botanica e geologia.  
Mathematica elemental.  
Desenho.

## SECÇÃO AGRICULO-FLORESTAL

- 1.ª Cadeira — Agronomia e culturas arvenses
- 2.ª Cadeira — Topographia e arboricultura.
- 3.ª Cadeira — Economia agricola, administração e contabilidade rural.
- 4.ª Cadeira — Economia Florestal e sylvicultura.
- 5.ª Cadeira — Technologia rural. Analyse chimico-agricola e chimica agricola.
- 6.ª Cadeira — Engenharia rural.
- 7.ª Cadeira — Microscopia e nosologia vegetal.

## SECÇÃO VETERINARIA

- 8.ª Cadeira — Anatomia geral e descriptiva, e clinica medica.
- 9.ª Cadeira — Cirurgia, obstetricia, siderotechnia, clinica cirurgica e exterior dos animais.
- 10.ª Cadeira — Pathologia geral e especial.
- 11.ª Cadeira — Epizootias. Policia sanitaria e direito veterinario.
- 12.ª Cadeira — Physiologia, pharmacologia e pharmacia veterinaria.
- 13.ª Cadeira — Hygiene e Zootechnia.

Por este elenco de sciencias, vê-se que no Instituto Agrícola de Lisboa estão compendadas todas as disciplinas que em outros paizes constituem tres institutos ou escolas diferentes, a saber: uma escola agronomica, outra sylvicola e outra veterinaria. Por motivos de bem entendida economia, temos estes tres cursos unidos em um só estabelecimento, á imitação da Dinamarca, que por igual razão tem um Instituto Agronomico, Sylvicola e Veterinario, mas no qual todavia a secção agriculo-florestal occupa 13 cadeiras em lugar de 7, como tem o nosso Instituto.

Depois do director-fundador José Maria Grande, seguiu-se na direcção do Instituto o sr. visconde de Villa Maior durante cinco annos, sendo hoje o reitor da Universidade de Coimbra. A este succedeu o sr. conde de Ficalho, lente de Botanica da Escola Polytechnica, que dirigiu o Instituto durante 14 annos; actualmente é seu director o lente do mesmo Instituto, o sr. Ferreira Lapa.

O corpo docente das duas secções e dos cursos auxiliares é composto actualmente dos senhores:

## SECÇÃO AGRICULO-FLORESTAL

Lentes:  
José Verissimo de Almeida.  
Francisco Antonio Alvares Pereira.  
João de Andrade Corvo.  
Manoel José Ribeiro.  
João Ignacio Ferreira Lapa.  
Chefes de serviço:  
Jayme Batalha Reis.  
Antonio Xavier Pereira Coutinho.  
Augusto José da Cunha.

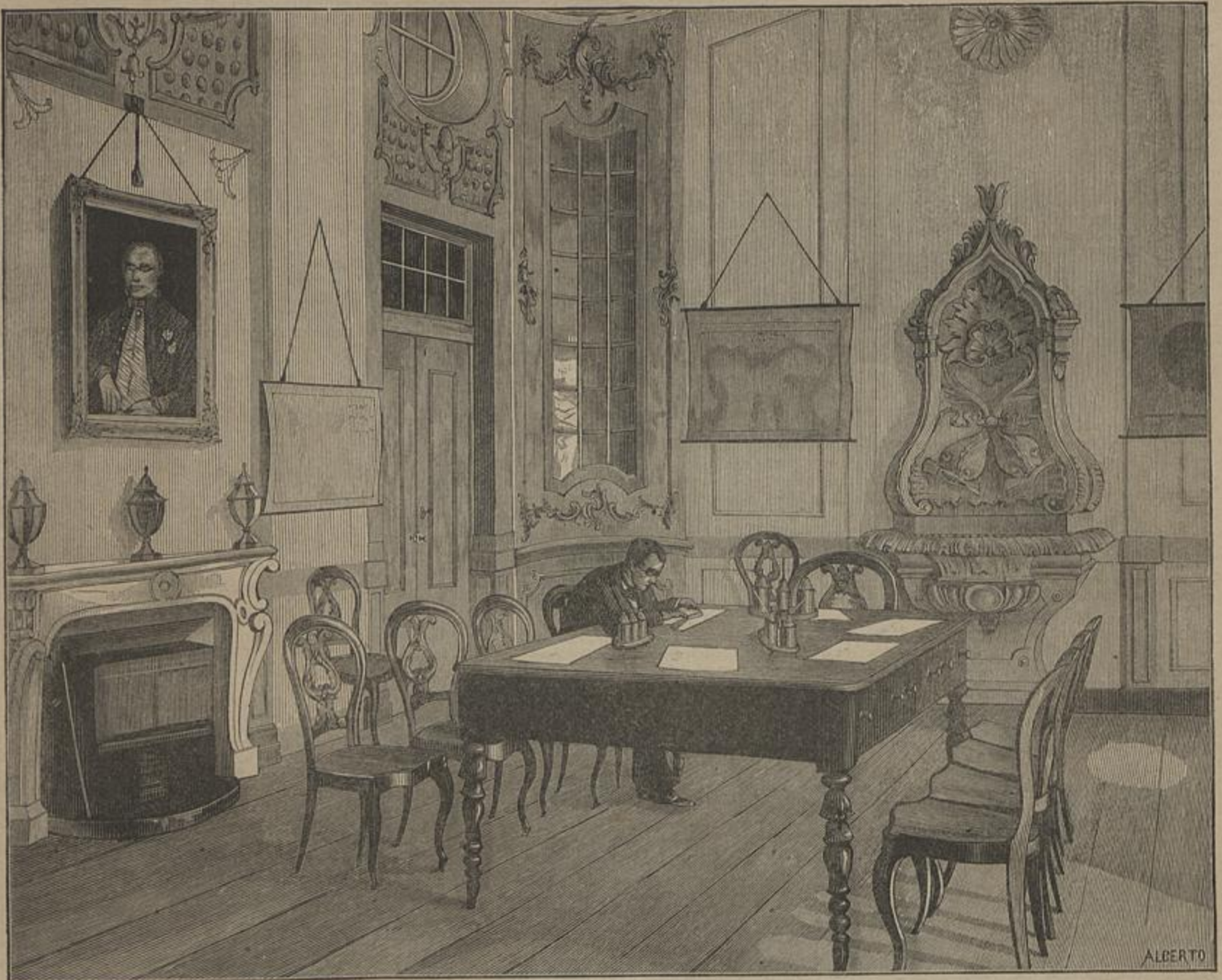
## SECÇÃO VETERINARIA

Lentes:  
Joaquim Sabino Eleutherio de Souza.  
Antonio Maria dos Santos Viegas.  
José Maria Teixeira.  
Dr. Joaquim Eleutherio Gaspar Gomes.  
Silvestre Bernardo Lima.  
Francisco Joaquim de Almeida Figueiredo.  
Chefes de serviço:  
Joaquim Ignacio Ribeiro.  
José Antunes Pinto.  
Professores de desenho:  
Antonio da Costa Viegas.  
Henrique Stephene de Wild.

A concorrência dos alumnos tem augmentado nos ultimos annos; no actual anno foi de 111 estudantes. Todos os intendentes de pecuarias agronomos de districto, quasi todos os veteri-



## ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL



INSTITUTO GERAL DE AGRICULTURA — SALA DAS SESSÕES DO CONSELHO ESCOLAR (Segundo uma photographia de Rochinni)

narios militares, a maioria dos lentes actuaes do Instituto e quasi todos os agronomos e veterinarios estabelecidos civilmente, são filhos do mesmo Instituto.

Os alumnos agronomos passam o quarto anno do seu curso em estagio na Quinta Regional de Cintra onde apprendem a parte pratica do seu curso.—Os alumnos sylvicultores recebem no quarto anno do seu curso a pratica de sylvicultura, assistindo e tomando parte nos serviços das matas do Estado debaixo da direcção dos engenheiros florestaes chefes de divisão. Os alumnos veterinarios, cujo curso dura cinco annos, recebem a pratica desde o segundo anno do seu curso na frequencia das clinicas do hospital e das officinas de serviço veterinario.

Alem d'estas praticas, os alumnos dos diversos cursos tem no estabelecimento demonstrações e exercicios praticos em desc-



INSTITUTO GERAL DE AGRICULTURA — PAVILHÃO DE EXPERIENCIAS SOBRE A VEGETAÇÃO (Segundo uma photographia de Rochinni)

nho, em topographia, em analyse chimica etc, mas não tão extensos e perfectos como seria para desejar por falta de recursos materiaes e de pessoal em muitas repartições do ensino.

Entretanto o Instituto possui os seguintes estabelecimentos auxiliares.

1.º — Uma bibliotheca, contendo as obras principaes em todas as sciencias agronomicas.

2.º — Uma sala de desenho, linear, de figura, de machinas e topographico.

3.º — Um laboratorio chimico, para analyse e demonstrações chimicas e technologicas.

4.º — Um gabinete de microscopia, com o respectivo muzeu em formação.

5.º — Um gabinete de apparatus e instrumentos de engenharia rural para o estudo da mechnica, das machinas, das irrigações e das construccões ruraes.

6.º — Um gabinete de modelos de alguns apparatus de lavoura e culturas.



EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL, EM LISBOA.



Dr. Augusto Felippe Simões  
Augusto Carlos Teixeira de Aragão

Conde de Almedina  
Antonio Thomaz da Fonseca  
José Luiz Monteiro

Francisco Marques de Souza Viterbo  
Ignacio de Vilhena Barbosa

A COMISSÃO EXECUTIVA



7.<sup>o</sup> — Um muzeu de productos agricola nacionaes e estrangeiros para o ensino da agronomia e da technologia rural.

8.<sup>o</sup> — Um jardim de ensaios de adubos e de culturas para a exemplificação da chimica agricola, da arboricultura e viticultura.

9.<sup>o</sup> — Um hospital veterinario para o tratamento dos animaes de todas as especies, ao qual assistem os alumnos veterinarios.

10.<sup>o</sup> — Uma officina siderotechnica em que os alumnos veterinarios se exercitam no manual de ferrar.

11.<sup>o</sup> — Um amphitheatro anatomico, com um gabinete annexo de preparações para o estudo e pratica da anatomia e das autopsias.

12.<sup>o</sup> — Um gabinete de anathomia pathologica de histologia e de microscopia animal.

13.<sup>o</sup> — Uma botica em que se aviam os remedios para o hospital, e em que os alumnos veterinarios se exercitam nas manipulações pharmaceuticas.

14.<sup>o</sup> — Um gabinete especial de materia medica e de toxicologia.

15.<sup>o</sup> — Um amphitheatro cirurgico para a execução de operações no vivo.

16.<sup>o</sup> — O numero sufficiente de aulas para a exposição das lições dos differentes cursos.

A julgar pelo numero e variedade d'estes estabelecimentos peculiares a diversos serviços demonstrativos não se poderá dizer que o Instituto esteja realmente desguarnecido e pobre de elementos materiaes que facilitam o ensino impressivo pelos sentidos Mas quando se examina cada um d'elles em separado, nota-se que muito poucos tem o fornecimento de objectos e as condições de espaço convenientes para satisfazerem aos fins da sua instituição. Era preciso gastar mais algumas sommas, não grandes ainda assim, em adquirir appparelhos, instrumentos, modelos que faltam em alguns dos estabelecimentos acima indicados, e sobretudo em completar com novas edificações, o edificio principal, que pela sua pequenez e má distribuição interior não se presta commodamente ao desafio que certos serviços do ensino reclamam para serem bem executados. Os estabelecimentos que gosam de melhores condições e tem adquirido um sortimento mais completo de objectos para demonstração pratica são os respectivos á secção veterenaria.

As nossas gravuras, copiadas das photographias tiradas ha alguns annos pelo sr. *Rochini* representam: uma d'ellas a fachada principal do edificio, situado no largo da Cruz do Taboado em frente do edificio do Matadouro Municipal; outra mostra uma metade do laboratorio chimico; as outras figuram: o pavilhão para experiencias sobre a vegetação situado dentro do jardim; a sala das sessões do conselho escolar; e o museu de machinas e productos ruraes, hoje consideravelmente augmentado n'esta ultima parte. 1

## VISCONDE DE ALGÉS

A morte do visconde de Algés surpreendeu todas as pessoas que lograram o bem de conhecê-lo, não só por inesperada, mas por certamente acompanhá-la como uma vaga percepção da immensa perda que acabavam de soffrer, que era o visconde um thesouro dos mais inestimaveis, hoje os thesouros são raros, e quem os perde fica naturalmente tão aturdido e sem dar de si, como se a vida fosse com elles. Disse uma vaga percepção, porque n'estas calamidades ninguém mede no momento a sua grandeza, e só depois é que se lhe deita uma conta mais exacta, quando se põe cada um a pensar no irremediavel de cada circumstancia.

Para que o saibam os que o ignoram, ou antes e melhor, para que atenuem a sua magoa, haurindo no exemplo do finado conforto para a vida, os que o amaram, seja-me permitido recordar, quasi sempre preferindo com acatamento piedoso as suas proprias palavras, alguma cousa do que vi, do que ouvi e do que soube d'esse homem, que pela integridade do seu animo era para ser comparado a bem poucos n'estes tempos dificeis e infelizes, que foi um dos melhores que eu conheci, o meu melhor amigo e o mais amado por mim.

Dizer que o visconde foi um estudioso distincto, e ainda mais distincto magistrado, sobretudo honradissimo, ultimo representante jurista de uma familia de magistrados, d'aquellas familias em que n'outro tempo se julgava ser um oneroso encargo de sciencia e de probidade a chamada *nobreza da toga*, e elle mesmo um dos maiores

sabedores da philosophia do direito, como se poderia julgar se um dia as suas allegações e pareceres se imprimissem; dizer mais que, n'esta quadra de ambições desmedidas, em que o poder é sollicitado por villanias sem nome, por mais de uma vez rejeitou a governação publica, ou porque não julgasse apto o ensejo para que as suas opiniões vingassem, ou porque lhe desagradasse a comparçaria de outros ministros, ou porque a si proprio se não julgasse talhado para tal encargo, crendo que outro fosse socialmente o rumo mais proficuo á sua actividade; e que por qualquer d'estes motivos sacrificou nobremente á sua consciencia e á dignidade humana aquella ambição e vaidade, de que raramente deixam de ser accommettidos quasi todos os homens publicos: tudo isto, sendo muito, me parece menos essencial á luz em que o vejo, se não é que por sabido entenda que merece menos ser narrado, ou porque não foi essa ainda a feição caracteristica d'elle, e a que como tal ponho mais empenho em esclarecer.

Tres nobres idéas preoccuparam este homem durante a vida, com predomínio quasi identico; tres sublimes aspirações, que só esmoreceram com o ultimo alento da sua preciosa existencia, o amor da Familia, o da Liberdade, o da Religião, e foi esta certamente quem o amparou nos infortunios mais lancinantes do seu viver intimo, nas desillusões mais acerbas de um ideal politico, tão mal comprehendido ainda hoje, e que tão acrisoladamente amou, e com tamanha energia advogou sempre, a eterna alliança da Religião e da Liberdade.

Passo quasi em silencio, como reservado aos seus, fallar d'essa enternecida e exemplar devoção da familia, sem comtudo occultar que não se acreditariam facilmente os requintados extremos que poz no seu coração desolado a falta da sua companheira; só poude aquilatal-os quem os presenciou, ou antes quem os deprehendeu, que não pôde haver dôr mais muda e abafada do que então foi a sua. Eu asseguro que desde a fatal hora d'esta perda, se ainda algum lampejo de alegria atravessou a amargura da sua noite, foi sómente a fé quem lh'o reflectiu, ou por ventura algum raro momento em que elle entrevisse o triumpho futuro da sua utopia, creada e alimentada solidamente na mesma fé religiosa. Fóra d'isso a sua alma foi um lucto perenne. A uma contraparenta, que havia annos não encontrava, e que não attentara n'elle, passando ao seu lado, acodiu d'este modo: «Estou já tão velho que me não conhece. Cheguei a isto depois da morte da Magdalena.»

Eu não lhe ouvi pronunciar nunca o nome da mulher, mas fazia magoa vel-o, como o encontrei muita vez na sua casa á Junqueira; adinhava-se o segredo da sua tristeza, e ficava-se edificado da sua resignação, e das especies condições com que talhara novo methodo de vida para si após a catastrophe. Habitava quasi exclusivamente uma sala grande e desataviada, guarnecida apenas em volta com umas estantes de livros, baixas, cobertas no cimo por folhetos e autos, ao alcance das mãos, tres grandes jardineiras com livros dispersos, uma secretária n'um vão de janella, e n'elle o retrato da mulher, n'uma das paredes lateraes outro de seu irmão Manuel, preguiceiras e poltronas aqui e além: n'uma d'estas preguiceiras de marroquim verde, ao fundo da sala, é que se pôde dizer que elle viveu durante tres annos, curtindo doencas continuadas, originadas n'aquelle modo de vida sedentario, senão no mal que o matou; d'ali se levantava sómente para passar á secretária, onde redigia os pareceres da Procuradoria Regia e as revistas criticas da *Correspondencia de Portugal*; ou então para passeiar aquelles interminaveis e solitarios passeios de horas, de um lado ao outro, em todo o compartimento da sala.

Foi n'este aposento que elle lançou ao papel varias syntheses das suas longas horas de meditação, periodos breves mas inestimaveis da historia da sua alma, em que a lembrança da esposa e do seu destino era inseparavel, e alludida em termos vagos e obscuros, no estylo dos escriptos idealistas e mysticos da Allemanha: mostrou-me por vezes alguns d'esses pensamentos soltos, como specimen dos pontos principaes de um livro que elle desejava escrever, mas para que lhe faltava a coragem; ou ainda mais propriamente como o fructo resumido da sua vida espirital durante alguns annos: foi igualmente alli que, dominado pela mesma tristeza, traduziu o *Kavanagh*, de Longfellow, conferido por nós ambos sobre o original, segundo o seu desejo, romance em que o personagem principal emprehende uma longa viagem para sanar as magoas de uma paixão de mulher, e onde passamos como em brilhante diorama as theorias estheti-

cas mais elevadas de João Paulo e as lendas mais formosas do Rheno: por isso direi que na solidão do seu gabinete, elle evocara tão anhelante o espirito da finada, que porventura conseguiu avistal-a novamente, como o Goethe ás aereas figuras do seu passado na dedicatória do *Fausto*, e que sobre as fórmas dos seus cinco filhinhos orphãos, á hora em que os doutrinava, ou quando se aprazia em vel-os traquinar livremente, assomou mais de uma vez, mais superiormente bella e radiante do que foi no mundo, a mystica e enlevada figura da sua *donna*, da mãe d'aquellas crianças; com ella conversou, e a ella fez participante das suas recordações mais suaves, dos seus projectos mais fulgidos e das suas mais auspiciosas e vivas esperanças.

Aquelles homens da materia, que por seu mal não comprehendem mais nada, e que por nossa magoa sempre vituperam aquillo que não foram nascidos para comprehender, esses rir-se-hão ao certo d'esta phantastica supposição, por não saberem quaes são os elementos vitae da actividade dos espiritos superiores, aquelles elementos que os põem em condições alheias e desconhecidas do mundo, e que na sua corda intima lhes desferem o que ha de mais bello na poesia e de mais grandioso no bem: pois era d'estes espiritos de eleição o visconde de Algés, criação de fina idealidade, que transfundia inteira do seu amantissimo coração em proveito commum; o homem que n'aquelle aposento elaborava o que elle mesmo denominava as suas exoticas opiniões, devidas á excentricidade do ponto d'onde havia annos andava observando a sociedade, e d'onde procurava, cada vez de mais longe, continual-a a observar, menos indifferente comtudo aos destinos d'ella do que os seus habitos quasi asceticos pareciam demonstrar.

(Continua)

J. A. da Graça Barreto.

## O ABANDONO

Na vespera de Natal o senhor mestre, acabada a lição da manhã, disse á rapaziada anciosa que á tarde não havia aula — palavra muito apurada que elle gostava immensamente de usar, pronunciando-a com uma grande correcção amorosa, na sua voz sêcca e sacudida, de pobre velho nervoso acabrunhado de achaques. Os rapazes saíram todos alegres d'aquella noticia desejada, e na expansão natural do seu contentamento infinito, entregavam-se a uma dansa macabra de pinchos endiabrados que, como de grandes bonecos engenheiros, faziam saltar berros estridulos de larynges excepcionaes; atiravam-se fraternalmente ás ilhargas duras as lousas e os livros jubilosos, e havia no ar todo um esvoaçar confuso e pesado de chapéos rotos de palha e carapuças azues, agitados n'um delirio infrene por conta de seus donos. Logo, o Joaquim da Colla, grotto eminente e muito respeitado entre os amigos passivos e humildes, por virtude das suas qualidades superiores de pandego e d'espertalhão atrevido, propoz a uns predilectos d'irem á Matta assaltar os pinheiros mansos, arranjar as pinhas legendarias de que haviam de extrahir, á noite, ao lume intenso e feliz da consoada, os pinhões famosos todos os annos appetecidos e procurados com uma devoção muito larapia, para serem jogados divertidamente a pares e nunes, — e depois britados e comidos, n'um regalo commemorativo do Nascimento glorioso. Iriam só quatro rapazes dos decididos, em segredo, e tomando cada um, cautelosamente, por seu atalho diverso, encontrar-se-iam todos, depois do meio dia, debaixo da grande carvalheira, á entrada da matta.

Mal acabaram de rapar escrupulosamente o fundo apertado das tigelas vermelhas do caldo gordo, do jantar, e tendo mettido á pressa nos bolsos sujos grandes pedaços de brôa, os garotos partiram. Sob a carvalheira, secular, de ramarias immediveis e folhagens compactas e rumorejantes, encontraram o pequenito Zé da Margarida, sentado n'uma raiz enorme, que se torcia sobre o solo areento como uma cobra pacifica e colossal; o Zé assim que os viu levantou-se, assustado, e veiu logo ter com elles, á correr dentro da vasta camisa de chita que constituia sobriamente a unica peça da sua farpella luxuosa; e todo aberto n'um riso medroso de pobre creança que presente uma tósa summaria, perguntou:

— Adonde ides?

Os quatro olharam-se, gravemente; temiam que o fedelho importuno os fosse denunciar, e não se libertaram immediatamente d'elle ao murro, porque tinham visto a Margarida, a mãe, n'um campo alli proximo. Mas o Joaquim, sempre esperto e previdente, lembrou-se de lisongear o pequeno com o convite franco, generoso:

1 As gravuras a que este artigo se refere e que não vem publicadas n'este numero, serão publicadas em os numeros seguintes:



— Vamos ás pinhas. Anda co'a a gente.

E entraram todos na matta. Ao principio, era um bello caminho largo, atapetado de folhas e agulhas seccas, moidas, e acompanhado do lado de cima por uma primeira fila regular e longa de pinheiros muito altos, de cujos troncos a parte inferior se perdia sob uma espessura verde negra de vegetações compactas, silvestres; e do lado de baixo, por um silvado velho e esburacado de tojos seccos, que tapava a extensão immensa e chata de um soute, onde os castanheiros de troncos apodrecidos e escalavrados, erguiam misturadamente ao céu os seus ramos vigorosos e torcidos, em que poucas folhas restavam já. Na atmosphera andava uma condensação ameaçadora de nuvens sombrias, e durante a manhã a chuva tinha caído n'uma abundancia torrenciosa. Quando o caminho, ao pé de umas grandes pedreiras quebradas, se tornava muito estreito subindo definitivamente para o centro obscuro da matta, todo coberto de estevas e de giestas caídas, os rapazes foram-se ás calças esfarrapadas e arregaçaram-n'as até aos joelhos; depois, agachados e com os braços estendidos para diante, para affastarem as ramarias molhadas, deitaram a correr n'uma grande alegria, sentindo-se felizes sob a chuva de grossas gottas, que caíam copiosamente de todas as folhas agitadas. Chamavam-se nomes uns aos outros, em cumprimentos selvagens, e havendo á beira do caminho, difficil e pedregoso, algum penedo grande, davam-se um prazer immenso em passar por cima d'elle, agilmente. Entretanto, o Zé da Margarida, com a camisa toda encharcada, corria e gritava tambem quanto podia, empregando todos os esforços possíveis para que os parceiros não se desgostassem da sua companhia obrigada; ás vezes, ramos fortes, violentamente empurrados, vergastavam-lhe asperamente as pernas delgadas e nuas; e algum dos amigos, agitando com força um ou outro pinheiro novo, baixo e agulhoso, alagava-o completamente sob uma alluvião de gotas pesadas. O petiz, todo satisfeito da sociedade, ria-se muito, e folgava cada vez mais, aos pulos, é permitindo-se o arrojo embriagado de atirar lama aos amigos.

Depois de um tunnel espesso de castanheiros novos e altos medronheiros, o caminho, sempre tortuoso e coberto de matto encharcado, começava a descer, e então os garotos romperam n'uma correria desenfreada, dando saltos enormes e agarrando-se na passagem a ramos compridos, que quebravam com estalos ruidosos; de repente, passados dois penedos largos e muito elevados, que se juntavam por cima do atalho, formando abobada, appareceu um pequeno espaço desafogado, onde outros penedos, de uma altura vertiginosa, offereciam rudemente um mirante natural, famoso no sitio. Um vento agreste começou a soprar, e por toda a matta, que se estendia immensamente para cima e para os lados, uma vaga symphonia vibrou, surda e monotona, como se todo aquelle amontoamento interminavel de pinheiros negros, cujas ramas fartas se balanceavam lentamente, n'um longo e pausado movimento negativo, fosse uma vegetação poderosa e exquisita de phantasmas postos em hilaridades extranhas de surdinas continuadas, executadas lugubrememente pelas suas vozes de baixo, estragadas e roncantes. Por toda a parte havia um ruido sonoro de gotas repetidas, caindo de folha em folha; e o ar lavado estava impregnado dos aromas frescos e penetrantes do pinhal invadido pela humidade. Por baixo do mirante abrupto, ia descendo um carvalho deserto de folhagens, troncos e ramarias emmaranhadas, em cuja fria tristura se alastravam a espaços, grandes manchas d'ocre, de folhas seccas pendentes; e lá em baixo, muito ao fundo, o Douro estendia-se, socegradamente, n'um comprido poço de aguas mansas, turvas e terrosas, que mais longe se precipitavam estouvadamente, revoltas e espumantes, n'um ponto perigoso, cuja barulheira embravecida subia até acima. Depois, o rio sempre torcido e apertado entre extravagantes rochas negras, ia fugindo rapidamente até uma curva brusca do valle sombrio que o escondia; e no ponto, luctando arrojadamente com a corrente furiosa, um barco vinha subindo, pequena mancha preta sob a enormidade de uma vela to'ra alva, larga e cheia de vento, e alado valentemente por uma junta de bois, que pareciam dois bellos percevejos vermelhos perdidos entre as penedias da margem.

Em frente, além do rio, todo o monte que subia pesadamente, com accidentações bruscas e largos sulcos selvagens, cavados por torrentes magras, uma tristeza de monotonas côres negras estendia-se vastamente, n'uma continuidade desolada de pinheiraes susurrantes, pomares húmidos onde faltavam as notas alegres dos fructos dourados, choupaes melancolicos, soutes quasi

nús e abandonados, e grandes extensões perdidas de mattos bravos. Era só proximo da margem que apparecia, por entre verduras cerradas, uma povoação toda pittoresca no seu amontoamento desencontrado de casarias velhas, onde raramente sorria uma rica parede caiada; e mais para cá, ostentava-se severamente um grande palacio antigo, com torres simples, capellas apparatusas e altas janellas abrindo-se risonhamente nas fachadas largas, — construcção sobranceira de um velho vice-rei, que, segundo parece, voltou da India carregado de riquezas muito explosivas de amores por bucolismos caros, e amigas de gosarem commodamente as solidões austeras da natureza coberta de silencio avelludado pelo murmuro fresco e sympathico das aguas, — dentro de um palacio imponente, que actualmente vae fazendo as delicias devastadoras de um extraordinario exercito de ratos, só perturbados ás noutes pelas libertinagens doidas e berrarias extravagantes das almas penadas e das bruxas, que a crença popular encarrega, supersticiosamente, de enxovalhar e arruinar o immenso casarão entristecido...

Entretanto ao longe, no horizonte esboçado e ondeante, cujas linhas se recortavam nitidamente, uma poeirada esparsa de chuva distante dansava no ar, sob um canto lugubre do céu muito escuro; de repente, por entre uma abertura estreita de nuvens tenues, um raio de sol coôu-se medrosamente, e veio espalhar a sua luz vacillante e poeirenta sobre uma parte do carvalho, ferindo debilmente todo um deslumbramento de diamantes, topazios e rubis, — pobres gotas esquecidas no escriptorio humilde das folhas seccas. Um gaio poz-se a grasnar, asperamente, e sobre um caminho barrancoso da encosta fronteira, os chocalhos roucos das bestas de um moleiro como que avivaram subitamente o seu ruido espalhado e tristonho, emquanto que a marinhagem afadigada de um barco que passava, n'uma agitação pausada de remos batendo as aguas quietas, levantava serenamente um côro languoroso de vozes que se resignam, n'uma consolação primitiva de cantigas doces e tocantes.

Como o barco ia para baixo, todo carregado de pipas bojadas do vinho celebrado, o Joaquim sentou-se logo sobre o mirante, e auctoritariamente, disse aos outros:

— Vamos vêr aquelle barco descer o ponto.

E todos se sentaram, sob o raio festivo do sol que veio subindo, concentrando-se n'uma attenção demorada e silenciosa, em que parecia reflectir-se todo o instincto orgulhoso d'uma raça de homens fortes que, ha seculos talvez, teem successivamente arriscado a vida dentro d'aquellas taboas grossas, calafetadas e cobertas de breu, e por cima d'aquellas fragas escorregadias, para quantos ficarem no fundo d'aquellas aguas ingenuamente sinistras. Tambem elles para lá iriam, para o trato do rio, começando tristemente por «mocinhos», malhados de pancada, subindo depois a marinheiros arrogantes, e podendo conseguir um dia a fortuna ambicionada de se tornarem arraes soberanos, donos do seu barquinho! Quando os ultimos cachões espumosos das aguas traioeiras cahiam já sobre o barco victorioso, o Joaquim levantou-se, e annunciou:

— Ali em baixo, vêdes? ha dois pinheiros.

E começaram a descer, vagarosamente, por um caminho que ia em ziguezagues, escondido sob estevas curtas, sargaco, e tojos aggressivos, desembocar proximo do carvalho, onde effectivamente se levantavam dois pinheiros mansos, um muito alto, o outro mais baixo, no meio d'um agrupamento embarçado de carvalhos novos, giestas enormes, castanheiros bravos, e medronheiros arredondados. Os rapazes, espreitando de baixo as ramarias confusas dos pinheiros, notaram com pezar que no mais pequeno não havia pinha alguma; e o Joaquim, serenando sagazmente os espiritos desanimados:

— Aquillo é que este anno não deu! Mas olhaide que o outro está carregadinho d'ellas.

Então, olharam-se todos, e puzeram-se a rir muito, acintosamente, n'uma incredulidade esmagadora de garotos muito finos; e o Luiz da Belizanda, tomand'o a palavra:

— O pinheiro é mais alto que essas nuves! Mas o Joaquim berrou, soberbo, senhor de si:

— Ides vêr como eu lá subo.

E atirando-se n'um salto de malaio ou de felino, ao largo tronco molhado, cravou as unhas nas grossas cascas, apertou nervosamente os joelhos, e ficando como podia os pés irrequeitos, começou a subir custosamente, n'uma gymnastica raivosa que lhe retezava e dobrava continuamente o corpo pegado ao pinheiro, movimento descomposto menos de verme que de sapo extenuado e colerico. Os outros olhavam muito interessados e quasi ironicos, esperando vê-lo cansar depressa, e descer todo envergo-

nhado. Mas elle subia sempre, n'um esforço desesperado, bufando, respirando alvoroçadamente. De repente, um esgalho valente magoou-lhe a mão, — uma ajuda! Agarrou-se a elle com amor e gana, e pouco depois, escarranchando-se alegremente, as pernas enroscadas e os braços passados em roda do tronco menos grosso, gritou para baixo:

— Cá vou, rapaziada!

E os amigos, admirados e vencidos:

— Olha se cáes, diabo.

Depois, auxiliado sempre pelos esgalhos que cada vez se aproximavam mais uns dos outros, o Joaquim ia subindo e cantando, muito expansivo e contente da sua pessoa; e quando emfim se pôde sentar gloriosamente na primeira perna vigorosa do interminavel pinheiro, avisou n'um grito que os outros mal ouviram:

— Agora arredade-vos, que vou atirar as pinhas!

Lá em cima, o rapaz ia fazendo novamente prodigios raros de força e de agilidade, aventurando-se confiadamente até todas as extremidades que balançavam, ameaçadoramente, e guindando-se até ás cristas mais elevadas da ramaria immensa — lago convexo de verdura em que elle ia tomando lentamente um farto banho geral, que lhe acariciava as carnes e lhe punha a roupa insupportavelmente pesada. Postos a uma distancia grande, sobre o matto, os companheiros seguiam-lhe avidamente todas as passadas e movimentos arriscados, e uma commoção instinctiva dominava-os, quasi afflictivamente. Uma vez, uma perdiz assustada rompeu a voar por entre as folhagens velhas e rôtas d'uma carvalheira, com um barulho enorme d'azas e folhas batidas; e os pobres rapazes, tomados d'um susto fustigante, gritaram logo, atrapalhados e chorosos:

— Ai que lá caiu!

E sem mesmo olharem para cima, deitaram a correr febrilmente para ao pé do grande pinheiro fatal. Mas o Joaquim lá andava, todo satisfeito, vergando ramos e estrangulando cantigas; e a unica cousa que caía, a prumo, e dando no chão mattagoso e molhado estouros surdos, eram as pinhas estimadas.

(Continua).

Monteiro Ramalho.

ERRATA. — No artigo do nosso precedente numero, sobre a Exposição districtal d'Aveiro, saiu uma «fabrica de Coimbra» em vez de «fabrica de Coimbra» (Azemeis), — o que muito importa rectificar-se.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

OS MYSTERIOS DO POVO, por Eugenio Sue, edição illustrada da *Empresa Horas Romanticas*. Estão publicados até ao vol. 6.º d'esta importante obra de Eugenio Sue, que apesar das numerosas edições que conta é sempre procurada e lida com prazer.

O POSITIVISMO, revista de philosophia, dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos — Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, editores, 12, largo dos Loyos. Appareceu agora, finalmente, depois de tres mezes de interrupção, o n.º 1, do quarto anno d'esta Revista, que tem reproduzido alguns trabalhos muito importantes, que não se encontram n'outra parte. Além da introdução traz os seguintes artigos: *Marcha da politica europea em relação aos destinos da civilização occidental*, O centenario do marquez de Pombal, do sr. Theophilo Braga, *Materialismo e positivismo*, *Hierarchia das sciencias*, segundo Augusto Comte, pelo sr. Teixeira Bastos; e a continuação do importante trabalho do sr. Consiglieri Pedroso, *Tradições populares portuguezas*, tão vantajosamente apreciado pelos sabios estrangeiros. N'este interessante artigo veem colligidos agora por primeira vez, supponos, bastantes materiaes para o reconhecimento entre nós d'um *genio malefico da hora do meio dia*, que n'algumas partes toma o nome do *homem das sete dentaduras*, ou do *entreato*, e que desde a mais alta antiguidade é conhecido entre os varios povos e raças, como do respectivo estudo comparativo se reconhece. Completa o fasciculo um interessante artigo bibliographico do sr. Gonçalves Vianna, relativo a um curioso estudo do sr. H. Schuchardt sobre os *cantos flamengos* (*collecção de contes flamencos*) ou dos ciganos, publicados pelo sr. Antonio Machado y Alvares, o illustre organisador do *Folk lore hespanhol*. N'este artigo além de se mostrar que alguns d'esses cantos ou cantigas existem na nossa poesia popular, com muito mais delicadeza de expressão e finura epigramatica, se assim podemos dizer, faz-se um estudo comparativo de algumas partes da phonetica castelhana e da portugueza muito digno de attenção.



A EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL PORTUGUEZA E HESPAHOLA EM LISBOA.—*Cartas ao redactor do «Correio da Noite» por A. Philippe Simões, com uma carta do sr. Fernando Palha ao auctor, acerca da collecção de ceramica. Lisboa, typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes, impressor da Casa Real, rua dos Calafates, 110, — 1882.* — 8.º de 209 paginas, uma de rosto e outra de indice. Esta serie de esclarecimentos onde se estudam e resolvem algumas duvidas, onde se enunciam alguns problemas a resolver, e onde se fazem outras considerações de diversa natureza, são necessarias a quem tiver visitado a exposição e queira tirar d'ella toda a instrucção e utilidade. Apesar do auctor o não dizer, nas suas palavras que servem de preambulo, percebe-se que elle reconhece a inconveniencia do modo como foram apresentados ao publico os objectos expostos, e como d'aquella disposição disparatada, anti-logica, e só para armar ao effeito dos que querem ver só para ver, se não podia seguir mais que uma confusão que desvairava e cançava o espirito mais seguro. Sabemos que sabios e archeologos estrangeiros se viram perdidos n'aquelle labyrintho e lamentaram que não tivesse precedido ao arranjo da exposição antes o espirito do methodo, que o de uma esthetica vã e prejudicial, e porisso os esclarecimentos do sr. Philippe Simões, cujo saber e competencia são assaz reconhecidos, tornam-se indispensaveis ao que pretender um guia seguro, porque estamos persuadidos, que se a exposição fosse organizada pelo sr. dr. Simões, não estaria disposta por aquelle modo. N'este pequeno livrinho acham-se até rectificados alguns erros e enganões do cathalogo e conglobados agrupamentos importantes de artefactos que importa comparar, para o estudo ser proficuo.

dos os fasciculos n.ºs 1 a 4 sendo os n.ºs 1 e 4 acompanhados cada um de uma gravura representando a primeira *Os Jardins de Babilonia* e a segunda *O templo de Neptuno*. Esta obra pela sua concisão disposição e methodo deve ser consultada pelos estudiosos e por todos quantos desejarem conhecer as opiniões dos diferentes

no Lumiar. É este ultimo considerado o verdadeiro *jaborandi* e de que se extrae um alcaloide conhecido na sciencia com o nome de *pilocarpina*, de emprego muito apreciado na therapeutica. Na primeira parte trata o auctor da historia natural e estudo chimico e pharmacologico do *jaborandi*; na segunda da acção physiologica d'este vegetal, tudo acompanhado de observações medicas interessantes. Segue-se depois a discussão ou resolução de varias proposições na secção medica—*hemato Chyluria*, na secção cirurgica—*elephantiasis dos arabes*; na secção accessoria—*valor do estudo chimico da urina no diagnostico e tratamento das molestias*. Como todas as dissertações d'este genero encerra em breve compendio o que se acha disperso por muitas obras pouco accessiveis ao geral dos leitores.



VISCONDE DE ALGÉS — Fallecido em 9 de Junho de 1882  
(Segundo uma photographia de Fillon)

CHRONICA ILLUSTRADA, n.º 3 do 1.º anno com desenhos de Alberto Nunes, Casanova, A. Ramalho, Christino, Manini, Vieira, C. Martins, T. Pinheiro e Luiz Bastos.

A parte litteraria é collaborada por Valentin Demonio, Gomes Leal, Theophilo Braga, J. d'Araujo e Monteiro Ramalho.

Esta publicação prima pelo seu aspecto extremamente artistico, o que não é vulgar nas edições portuguezas, e esta distincção lhe deve dar o melhor acolhimento por parte das pessoas que tem bom gosto.

CATALOGO DA EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES—*Promovida pela Commissão Executiva dos Estudantes de Lisboa no Centenario do Marquez de Pombal em maio de 1882.* Lisboa Imprensa Nacional, de 46 pag. in 8.º grande, com a relação de 964 objectos expostos divididos por 4 salas.

HISTORIA UNIVERSAL, original do Dr. Jorge Weber, traducção de Delfim d'Almeida, edição da Empreza Litteraria de Lisboa. Estão já publica-

auctores sobre os factos que constitue a historia da humanidade.

A publicação tem sahido com toda a regularidade.

THESE PARA O DOUTORAMENTO EM MEDICINA, sustentada por Pedro da Luz Carrascosa (sendo approvada com distincção) *natural da Bahia...* Bahia, typ. constitucional de F. Guerra, 1881. — 8.º francez de xxvi—140 paginas. — As primeiras 24 paginas são occupadas pelo rosto, dedicatorias affectuosas do auctor a todos os membros da sua familia e amigos, a memorias de saudade por alguns fallecidos etc. e uma especie de advertencia, seguindo-se depois a dissertação que versa sobre o *Jaborandi* de que ha algumas variedades como o *jaborandi do Pará (nomiera trifolia)*, o das Alagoas (*piper jaborandi*, ou *ottonia anisum*), o do Ceará (*pilocarpus pennatifolius*) que já se cultiva entre nós

## AOS SRS. ASSIGNANTES

RIO DE JANEIRO

O sr. Serafim José Alves com livraria na rua Sete de Setembro, 83, deixou de ser correspondente da Empreza do Occidente, no Rio de Janeiro, d'esde Janeiro do corrente anno, pela unica rasão de não ter satisfeito aos compromissos que contrahio para com esta empreza, motivo por que lhe foi suspensa a remessa do OCCIDENTE desde o n.º 104 de 11 de Novembro de 1881.

Os srs. assignantes que tinham as suas assignaturas pagas, até ao fim do anno de 1881, no estabelecimento do sr. Serafim José Alves, podem reclamar, com o recibo da sua assignatura, os numeros que lhe faltam para o 4.º vol. que lhes serão entregues, por conta d'esta empreza, na livraria dos srs. Faro & Lino, na rua do Ouvidor, n.º 74, assim como podem alli renovar as suas assignaturas para o 3.º anno corrente.

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: O silencio é resposta.

BIBLIOTHECA PORTUGUEZA DO «OCCIDENTE»

## A COMEDIA BURGUEZA

I

# SAPATOS DE DEFUNCTO

Por LEITE BASTOS

COM UMA INTRODUCCÃO POR GERVASIO LOBATO

ILLUSTRADO COM 27 ESTAMPAS

Desenhos de MANUEL DE MACEDO—Gravuras de ALBERTO

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 pag. em magnifico papel assetinado com uma elegante capa de côr illustrada, brochura á ingleza.

Preço 600 réis

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empreza. — Para a provincia envia-se franco de porte a quem remetter 600 réis em estampilhas ou valles do correio.

## EXPEDIENTE

DO

## ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

Recebem-se n'esta redacção, charadas, enigmas, passa-tempos, etc. para serem publicados no ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1883.

Recebem-se tambem annuncios, mediante a tabella impressa na capa do almanach de 1882, até ao dia 25 de julho do corrente anno.